

Área: Inovação | Tema: Inovação na Gestão Pública

**O PERFIL EMPREENDEDOR, A CAPACIDADE EMPREENDEDORA E A INTENÇÃO
EMPREENDEDORA DE ALUNOS DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA**

**THE ENTREPRENEUR PROFILE, THE ENTREPRENEURIAL CAPACITY AND THE INTENTION TO
ENTREPRENEUR OF STUDENTS FROM A PUBLIC UNIVERSITY**

Caroline Ferreira Mainardi, Gustavo Da Rosa Borges, Rayssa Marçal Pinto e Kalu Soraia Schwaab

RESUMO

Empreendedorismo é uma temática preterida por empresas e universidades, sendo que uma das formas nas quais as universidades estão agindo para oferecê-lo é a criação de disciplinas de empreendedorismo em suas grades curriculares. Entretanto, não se observou muitos trabalhos que buscassem mensurar isto de uma forma a englobar o perfil empreendedor, a capacidade empreendedora e a intenção empreendedora. Portanto, o presente artigo buscou analisar se alunos que cursaram a disciplina com a temática de empreendedorismo possuem mais intenso perfil, capacidade e intenção empreendedora. A metodologia consistiu na aplicação de um questionário fundamentado em três instrumentos validados. A análise trata-se de estatística multivariada, a amostra são 109 alunos de uma universidade pública do Sul do Brasil. Os resultados indicam que, a disciplina de empreendedorismo e o tipo de curso não influenciam o perfil empreendedor, a capacidade e a intenção empreendedora. Por outro lado, a intenção empreendedora é mais intensa para quem possui um negócio. Destaca-se como contribuição prática a revisão do planejamento didático e pedagógico da disciplina, sugerindo uma maior reflexão na elaboração e aplicação de aulas e atividades didáticas relacionadas ao empreendedorismo de forma geral no contexto universitário.

Palavras-Chave: Perfil Empreendedor. Capacidade Empreendedora. Intenção Empreendedora.

Universitários.

ABSTRACT

Entrepreneurship is a theme deferred by companies and universities, and one of the ways in which universities are acting to offer it is the creation of entrepreneurship disciplines in their curricula. However, it was not observed many studies that sought to measure this in a way that encompasses the entrepreneurial profile, the entrepreneurial capacity and the entrepreneurial intention. Therefore, the present paper sought we analyze if students who studied the discipline with the theme of entrepreneurship have more intense entrepreneurial profile, entrepreneurial capacity and entrepreneurial intention. By means of multivariate statistics in a sample of 109 students from a public university in the South of Brazil. Our results indicate that the discipline with the theme of entrepreneurship and the type of course do not influence the entrepreneur profile, the capacity for and the entrepreneurial intention. On the other hand, the entrepreneurial intention is more intense for those who own a commercial establishment. It is highlighted as a practical contribution the revision of the didactic and pedagogical planning of the discipline, suggesting a greater reflection in the elaboration and application of didactic classes and activities related to entrepreneurship in a general way in the university context.

Keywords: Entrepreneur Profile. Entrepreneurial Capability. Entrepreneurial Intent. College Students.

Eixo Temático: Inovação na Gestão Pública

O PERFIL EMPREENDEDOR, A CAPACIDADE EMPREENDEDORA E A INTENÇÃO EMPREENDEDORA DE ALUNOS DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

THE ENTREPRENEUR PROFILE, THE ENTREPRENEURIAL CAPACITY AND THE INTENTION TO ENTREPRENEUR OF STUDENTS FROM A PUBLIC UNIVERSITY

RESUMO

Empreendedorismo é uma temática preterida por empresas e universidades, sendo que uma das formas nas quais as universidades estão agindo para oferecê-lo é a criação de disciplinas de empreendedorismo em suas grades curriculares. Entretanto, não se observou muitos trabalhos que buscassem mensurar isto de uma forma a englobar o perfil empreendedor, a capacidade empreendedora e a intenção empreendedora. Portanto, o presente artigo buscou analisar se alunos que cursaram a disciplina com a temática de empreendedorismo possuem mais intenso perfil, capacidade e intenção empreendedora. A metodologia consistiu na aplicação de um questionário fundamentado em três instrumentos validados. A análise trata-se de estatística multivariada, a amostra são 109 alunos de uma universidade pública do Sul do Brasil. Os resultados indicam que, a disciplina de empreendedorismo e o tipo de curso não influenciam o perfil empreendedor, a capacidade e a intenção empreendedora. Por outro lado, a intenção empreendedora é mais intensa para quem possui um negócio. Destaca-se como contribuição prática a revisão do planejamento didático e pedagógico da disciplina, sugerindo uma maior reflexão na elaboração e aplicação de aulas e atividades didáticas relacionadas ao empreendedorismo de forma geral no contexto universitário.

Palavras-chave: Perfil Empreendedor. Capacidade Empreendedora. Intenção Empreendedora. Universitários.

ABSTRACT

Entrepreneurship is a theme deferred by companies and universities, and one of the ways in which universities are acting to offer it is the creation of entrepreneurship disciplines in their curricula. However, it was not observed many studies that sought to measure this in a way that encompasses the entrepreneurial profile, the entrepreneurial capacity and the entrepreneurial intention. Therefore, the present paper sought we analyze if students who studied the discipline with the theme of entrepreneurship have more intense entrepreneurial profile, entrepreneurial capacity and entrepreneurial intention. By means of multivariate statistics in a sample of 109 students from a public university in the South of Brazil. Our results indicate that the discipline with the theme of entrepreneurship and the type of course do not influence the entrepreneur profile, the capacity for and the entrepreneurial intention. On the other hand, the entrepreneurial intention is more intense for those who own a commercial establishment. It is highlighted as a practical contribution the revision of the didactic and pedagogical planning of the discipline, suggesting a greater reflection in the elaboration and application of didactic classes and activities related to entrepreneurship in a general way in the university context.

Keywords: Entrepreneur Profile. Entrepreneurial Capability. Entrepreneurial Intent. College Students.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas começou uma nova fase no sentido de dar mais valor às ações empreendedoras e apostar nelas para que as empresas tenham um melhor desempenho (KURATKO; IRELAND; HORNSBY, 2001). Cabe ressaltar que o valor empreendedor está muito pautado na atuação dos indivíduos, que no qual podem se beneficiar aprimorando a sua capacidade empreendedora, habilitando-os a resolver problemas, adaptando-se mais prontamente a mudanças, tornando-se mais autoconfiante e desenvolvendo sua criatividade e imaginação (JONES; ENGLISH, 2004).

O empreendedorismo é um instrumento importante que contribui para o aumento da produtividade, competitividade e na geração de novos postos de trabalho (AHMAD; HOFFMAN, 2008). Por este motivo, mais organizações começaram a executar programas de educação para o empreendedorismo, inclusive universidades, sendo que nos Estados Unidos, o número de programas de educação empreendedora aumentou consideravelmente na virada do século (KURATKO, 2005). Além de organizações e universidades, o Estado também é um importante agente e propulsor para a promoção do empreendedorismo (DOLABELA, 1999; AGUIAR, 2003; GONÇALVES; CÓSER, 2014).

Em vista de sua importância pública, a formação de empreendedores tem sido pauta das estratégias governamentais nas três esferas públicas: Federal, Estadual e Municipal (ROCHA; FREITAS, 2014). Em relação à esfera federal, o governo Brasileiro tem buscado incluir práticas de empreendedorismo na universidade, tanto de uma forma direta como indireta. Um dos exemplos existentes em relação às ações indiretas é o programa Educação Empreendedora do SEBRAE, que busca difundir práticas empreendedoras nas salas de aula, tanto no ensino básico, como no ensino médio, superior e técnico (SEBRAE, 2018).

No que diz respeito a ações diretas de ensino, universidades têm buscando oferecer cursos e programas de empreendedorismo (DOLABELA, 1999; FERREIRA et al., 2003; JONES; ENGLISH, 2004; HECKE, 2011; MIRANDA; BARBA-SÁNCHEZ; ATIENZA-SAHUQUILLO, 2017; CHAMORRO-MERA; RUBIO, 2017; ESFANDIAR et al., 2017). A inclusão do ensino de empreendedorismo nas universidades brasileiras é apenas um pequeno passo, pois se faz necessário criar uma cultura empreendedora na sociedade, e para isso o tema precisa ser apresentado e discutido desde os primeiros níveis da educação (DOLABELA, 1999).

Gonçalves e Cóser (2014) mencionam que as universidades brasileiras ainda não assumiram inteiramente a missão de empreendedoras, mas alguns passos foram dados nessa direção, por meio de mecanismos e regulamentações governamentais (DOLABELA, 1999; JONES; ENGLISH, 2004; HECKE, 2011). Lopes (2010) destaca que universidades possuem três maneiras básicas de promover o empreendedorismo a seus alunos: (1) oferecer disciplina na grade curricular dos cursos; (2) oferecer modalidade de complemento às disciplinas; ou (3) oferecer atividades extracurriculares.

Embora haja mais de uma forma de oferecer o empreendedorismo aos alunos, talvez a forma mais tradicional de atuação direta das universidades em vistas a despertar o empreendedorismo de alunos é oferecer disciplinas de empreendedorismo em cursos de graduação (DOLABELA, 1999; JONES; ENGLISH, 2004; HECKE, 2011).

Em um dos poucos estudos sobre a temática, Martens e Freitas (2008) pesquisaram a influência da disciplina de empreendedorismo sobre a intenção empreendedora de universitários em Lajeado-RS e os resultados indicam que a disciplina de empreendedorismo aumenta a intenção empreendedora. Estudos similares foram feitos e confirmados por

Carvalho e González (2006), Rocha, Silva e Simões (2012), Osório e Roldan (2015). Além da intenção empreendedora, é desejável que futuros empreendedores possuam perfil e capacidade empreendedora.

A influência das atividades de empreendedorismo sobre o perfil empreendedor foi confirmada por Rocha e Freitas (2014), por outro lado, não se observou estudos que confirmassem a relação entre oferecimento de atividades empreendedoras sobre a capacidade empreendedora. Assim sendo, o presente artigo tem por objetivo responder à seguinte indagação: **alunos que fizeram a disciplina de empreendedorismo possuem mais intenso perfil empreendedor, capacidade empreendedora e intenção empreendedora em relação aos que não fizeram?**

Portanto, o objetivo do presente estudo é analisar se alunos que fizeram a disciplina de empreendedorismo possuem mais intenso perfil empreendedor, capacidade empreendedora e intenção empreendedora em relação aos que não fizeram. Como objetivo secundário, verificar-se-á se o perfil empreendedor, a capacidade empreendedora e a intenção de empreendedorismo é mais intensa para os alunos que possuem um negócio e para os que cursam o curso de graduação em Agronegócios. A metodologia consiste na aplicação de um questionário construído com base em três instrumentos validados nas temáticas relacionadas (SCHMIDT; BOHNENBERGER, 2009; FERREIRA et al., 2003; HECKE, 2011).

Este artigo está organizado, além desta breve introdução, em mais quatro seções. Na segunda seção apresenta-se um breve referencial teórico traçando as hipóteses de pesquisa. Na terceira, apresenta-se a metodologia adotada para a realização do estudo. Na quarta, apresentam-se e discutem-se os resultados obtidos, e na quinta, são realizadas as considerações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO E HIPÓTESES DE PESQUISA

As empresas cada vez mais buscam adotar uma postura mais proativa de seus colaboradores sendo que uma das maneiras de despertar isto é fazer com que os colaboradores tenham uma atuação mais empreendedora. Por este motivo, nas últimas décadas, gestores começaram a investir em programas que estimulem o empreendedorismo, apostando neste, como um propulsor ao melhor desempenho (KURATKO; IRELAND; HORNSBY, 2001). “O sujeito empreendedor é aquele que não mede esforços para abrir e administrar seu próprio negócio, gerando emprego e renda para a sociedade” (ROCHA, FREITAS, 2014, p. 482).

Já o empreendedorismo, trata-se de um fenômeno provocado por uma ação que exige do empreendedor um protagonismo, no qual ele tenha a habilidade de promover processos que movam uma ação empresarial (ROCHA; FREITAS, 2014). Mediante a importância da temática em discussão, empresas e universidades devem desenvolver atividades que estimulem o empreendedorismo, sendo que as universidades podem inclusive, investir no desenvolvimento de currículos e educadores com intuito de despertar mais a autonomia, pensamento estratégico e trabalho em equipe por parte dos alunos (ESFANDIAR et al., 2017).

Em relação às universidades, estas têm buscado desenvolver práticas de empreendedorismo por meio de parcerias, atuando indiretamente, e o fato de ofertarem disciplinas, práticas e até mesmo cursos de empreendedorismo, atuando diretamente (DOLABELA, 1999; FERREIRA et al., 2003; JONES; ENGLISH, 2004; HECKE, 2011; MIRANDA; BARBA-SÁNCHEZ; ATIENZA-SAHUQUILLO, 2017; CHAMORRO-MERA; RUBIO, 2017; ESFANDIAR et al., 2017). Cabe ressaltar que a intenção empreendedora não é mais uma prerrogativa apenas de cursos ligados à Administração, em obstatante, ela faz parte de

quase todos os cursos, sendo uma oportunidade, por exemplo, de alunos reverterem uma situação econômica desfavorável (BARBA-SÁNCHEZ; ATIENZA-SAHUQUILLO, 2017).

Como destacado, um dos meios que a universidade tem de oferecer práticas empreendedoras aos alunos é por meio da oferta de disciplinas. Neste caso, o currículo dos cursos contempla disciplinas referentes ao empreendedorismo dos graduandos. Talvez se faça necessário intensificar ou alterar a maneira como essas disciplinas vêm sendo trabalhadas, já que isto pode acarretar em uma maior intenção empreendedora por parte dos alunos (HECKE, 2011). Uma das formas na qual se busca estimular o empreendedorismo é fazer com que as pessoas tenham um perfil empreendedor, uma capacidade empreendedora e uma intenção de empreender, tópicos estes abordados a seguir.

2.1 PERFIL EMPREENDEDOR

Sieger et al. (2016) realizaram um estudo com fundadores de empresas em 34 países e alocaram estes empreendedores em três estilos: (1) os que buscam se envolver com outras pessoas para criar negócios, (2) os que são entusiasmados por uma identidade social e (3) os que seguem seu interesse pessoal. Os referidos autores destacam que, os que buscam se envolver com outras pessoas para criar seus negócios tendem a ter uma relação com os que são entusiasmados por uma identidade social. Ou seja, empreendedores que seguiram seu interesse pessoal, não necessariamente seguem uma doutrina de relações, tanto interna quanto externa. Por meio das evidências de Sieger et al. (2016), apresenta-se a primeira hipótese de pesquisa (H1):

H1: pessoas que possuem um negócio têm um mais intenso perfil empreendedor.

Os autores ainda descobriram haver uma tendência de estudantes de negócios possuírem o perfil de seguir seu interesse pessoal, talvez porque universidades estimulem mais a competição ao invés da cooperação, especialmente em cursos ligados à Administração. Diante disso, apresenta-se a segunda hipótese de pesquisa (H2):

H2: alunos que realizam Agronegócio possuem um mais intenso perfil empreendedor.

O perfil empreendedor é algo que vem sendo desejado por universidades de diversos países desde o final do século passado, sendo que algumas delas têm articuladas ações internas e externas com intuito de promover o empreendedorismo e despertar o perfil empreendedor (KALAR; ANTONCIC, 2015).

Por outro lado, Rocha e Freitas (2014) acreditam que o perfil empreendedor possa ser ensinado, e isto pode ocorrer a alunos de qualquer curso, talvez por este motivo, universidades estão se interessando em desenvolver práticas que instiguem o perfil empreendedor. Kalar e Antoncic (2015) descobriram que o ideal é que a universidade busque ela mesma promover o empreendedorismo, oferecendo aos alunos ambientes e situações que despertem o perfil empreendedor.

Diante disso, diversos estudos buscaram verificar como as universidades têm trabalhado com este enfoque, destacam-se os estudos de Schmidt; Bohnenberger (2009), Rocha Silva; Simões (2012), Rocha; Freitas (2014). Schmidt e Bohnenberger (2009) mediram o perfil empreendedor em universitários de Novo Hamburgo (RS) e descobriram que a característica empreendedora está significativamente relacionada ao desempenho do próprio negócio e a auto-realização pessoal.

Rocha Silva e Simões (2012) estudaram o comportamento de alunos de Portugal e concluíram que os estudantes que têm uma maior capacidade de criação e concretização de

projetos empreendedores, bem como, vontade de vencer, têm uma maior propensão para criarem o próprio negócio. Rocha e Freitas (2014) estudaram o perfil empreendedor de universitários em Fortaleza-CE e descobriram que alunos no qual participaram de atividades de empreendedorismo na universidade, apresentaram alterações significativas no seu perfil empreendedor. A partir das evidências citadas, surge a terceira hipótese investigativa (H3):

H3: alunos que fizeram a disciplina de empreendedorismo têm mais perfil empreendedor.

Desta forma, considerando as bases conceituais sobre perfil empreendedor citadas, concentram-se as primeiras três hipóteses de pesquisa deste estudo. Deve-se destacar ainda que, alunos que possuem um perfil empreendedor, tendem a possuir mais intenção empreendedora (ROCHA; SILVA; SIMÕES, 2012).

2.2 CAPACIDADE EMPREENDEDORA

As capacidades empreendedoras consistem no corpo de conhecimento, área ou habilidade, qualidades pessoais ou características, atitudes ou visões, motivações e desejos futuros que, de diferentes formas, podem contribuir para o pensamento do negócio ou ação futura para o negócio (ZAMPIE; TAKAHASHI, 2011). Trata-se de uma busca na qual o empreendedor ao colocá-la em prática, envolva em fenômeno social e busque melhorias a uma determinada situação (FERREIRA et al., 2003).

“Quando um indivíduo tem capacidade empreendedora, ou seja, tem competência, capacidade e vontade, pode-se desenrolar a oportunidade de criação de uma nova empresa” (ALMEIDA, 2003, p. 68). Talvez por isto, Dolabela (2004) defenda a ideia de que a capacidade empreendedora é uma herança genética, na qual, deve ser estimulada pelas universidades. Corroborando com esta ideia, Cunha Jr. (2009) destaca que a capacidade empreendedora diz respeito ao um talento natural que uma pessoa tem.

Ferreira et al. (2003) analisou a capacidade empreendedora de empresários Catarinenses e descobriu que empreender está relacionado com a oportunidade e o quanto os profissionais estão preparados para ser empreendedores. Já Cunha Jr. (2009) realizou outra pesquisa com empresários e descobriu que a existência da capacidade empreendedora foi um dos motivos de sucesso de pequenas empresas da Paraíba. Tais achados sugerem a hipótese 4 (H4):

H4: pessoas que possuem um negócio têm uma mais intensa capacidade empreendedora.

Deste modo, é interessante investigar a figura do aluno como potencial empresário, como uma pessoa que identifica uma oportunidade, cria um novo negócio e é capaz de reunir os recursos necessários face ao risco e incerteza, com a finalidade de obter lucro e fazer crescer o negócio (SCARBOROUGH; ZIMMERER, 1993). Não foram encontrados muitos trabalhos que mensurassem especificamente a capacidade empreendedora de alunos. Entretanto, Almeida (2003) sugere que a capacidade empreendedora deriva do meio social, portanto, existe a crença de que, no que se refiram aos alunos, eles possam ter uma capacidade empreendedora mais aguçada se lhe for oferecida a disciplina de empreendedorismo. Portanto, considerando Almeida (2003) apresentam-se a quinta e a sexta hipóteses de pesquisa (H5 e H6):

H5: alunos que realizam Agronegócio possuem maior capacidade empreendedora.

H6: alunos que fizeram a disciplina de empreendedorismo têm mais capacidade empreendedora.

Considerando estudos realizados com bases conceituais sobre capacidade

empreendedora, como os estudos de Scarborough e Zimmerer (1993), Ferreira et al. 2003, Almeida 2003, Cunha Jr (2009) e Zampie e Takahashi (2011) elaboraram-se as hipóteses 4, 5 e 6 desta pesquisa.

2.3 INTENÇÃO EMPREENDEDORA

Acreditando que o sujeito empreendedor é aquele que colocou em prática seu ideal, conforme destacado por Rocha e Freitas (2014), acredita-se que pessoas empreendedoras tenham tido ou possuem ainda, uma intenção empreendedora; portanto, chegou-se na sétima hipótese de pesquisa (H7):

H7: pessoas que possuem um negócio têm uma mais intensa intenção empreendedora.

Hecke (2011) estudou a intenção empreendedora de alunos de Ciências Contábeis e Administração em Curitiba (PR) e descobriu que alunos concluintes destes distintos cursos possuem diferentes perfis empreendedores. Neste caso, alunos de Administração possuem mais intenção empreendedora que alunos de Ciências Contábeis. O autor chama a atenção ao fato de que alunos de Administração são mais preparados para gerenciar um negócio, talvez, este fator sendo o mais determinante. Hecke (2011) ainda observou que a intenção de empreender é influenciada pela opinião de amigos e colegas. Com base no trabalho de Hecke (2011), elaborou-se a oitava hipótese deste trabalho (H8):

H8: alunos que realizam Agronegócio possuem maior intenção empreendedora.

Embora Barba-Sánchez e Atienza-Sahuquillo (2017) tenham manifestado que a intenção empreendedora faz parte de alunos de qualquer curso, preferiu-se manter a afirmativa de Hecke (2011) apoiado no trabalho de Almeida (2003), que destaca a importância do meio social para o surgimento de variáveis empreendedoras ao ser humano. Maresch et al. (2016) destacam que a intenção empreendedora é dependente da educação empreendedora; ou seja, quanto mais o aluno for estimulado ao empreendedorismo, mais ele terá uma intenção empreendedora. Ao comparar alunos de negócios com os de engenharia, os referidos autores não encontraram diferenças estatísticas de nível de intenção empreendedora. Por outro lado, alunos de negócios sentiram-se mais satisfeitos e atraídos para serem empresários, talvez pelo fato de terem um maior perfil, sendo que alunos de engenharia buscam mais oportunidade que realização pessoal.

Barba-Sánchez e Atienza-Sahuquillo (2017) estudaram a intenção empreendedora de alunos de engenharia e informática na Espanha, e perceberem que o desejo de formar empreendedores faz parte do 'novo' modelo de gestão educacional das universidades, incluindo praticamente todos os cursos, inclusive alunos de engenharia. Em relação a estes alunos, percebeu-se que a atuação da universidade de fato estimula a intenção empreendedora.

Esfandiar et al. (2017) analisaram a intenção empreendedora de estudantes de Turismo em Teerã e descobriu que as normas sociais, o conhecimento sobre o negócio, as oportunidades de mercado influenciam na intenção de empreender. Os mesmos autores descobriram que o desejo apareceu como uma variável mais intensa que possuir habilidades necessárias e inclusive a viabilidade para abrir um negócio. Esta descoberta sugere que a intenção empreendedora é mais intensa que a capacidade empreendedora. Miranda e Rubio (2017) pesquisaram a intenção empreendedora de alunos Espanhóis e constataram que a intenção empreendedora é uma consequência das atitudes, ou seja, uma intenção que a pessoa tem de colocar em prática um empreendimento.

Tarapuez, García e Castellano (2018) analisaram a intenção empreendedora de

universitários colombianos e perceberam que os aspectos socioeconômicos, que alunos de universidades privadas e os que cursam a área de administração ou economia, e ainda, os que possuem um amigo empresário possuem mais chances de ter intenção empreendedora. Em relação aos aspectos pessoais, alunos de maior idade, casados, que possuem pais empreendedores, pertencentes às classes econômicas mais altas, e que possuem experiências de trabalho, têm mais chances de desenvolver intenção empreendedora. Neste estudo não identificou-se influência da intenção empreendedora devido ao gênero dos estudantes.

Carvalho e González (2006) esclarecem que a intenção empreendedora de alunos está relacionada com a atuação da universidade. Nesta mesma linha, Rocha, Silva e Simões (2012) estudaram o comportamento de alunos de Portugal e descobriram que a atuação da universidade contribui para que os alunos coloquem em prática a intenção empreendedora. Corroborando com os resultados dos dois últimos estudos citados está o de Osório e Roldan (2015), que estudaram a intenção empreendedora de alunos Colombianos. Osório e Roldan (2015), demonstram que pessoas próximas, e professores, influenciam na intenção empreendedora. Ainda, os referidos autores apontam uma relação entre intenção empreendedora e exposição prévia às atividades empreendedoras. Desta forma, alunos que tiveram contato com uma atividade empreendedora, possuem mais chances de empreender.

Martens e Freitas (2008) estudaram a intenção empreendedora de alunos de Lajeado (RS) e descobriram que a disciplina de empreendedorismo contribuiu para que os alunos aumentassem a sua intenção empreendedora, sendo que, esta intenção ocorreu especialmente por vontade própria. Os referidos autores apontaram ainda o fato da maioria dos alunos considerar fundamental a disciplina de empreendedorismo nas grades curriculares de seus cursos. Estas evidências amparam o surgimento da última hipótese deste trabalho:

H9: alunos que fizeram a disciplina de empreendedorismo têm mais intenção empreendedora.

Este breve referencial teórico foi abordado de forma dinâmica considerando as bases conceituais principais da pesquisa. Tornando possível evidenciar a relevância na qual surge cada um dos construtos a serem investigados: perfil empreendedor; capacidade empreendedora; e intenção de empreender.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho tem como metodologia um estudo empírico de natureza quantitativa e descritiva, contendo dados primários, coletados entre os meses de maio e setembro de 2017. Os questionários estruturados foram elaborados com base nos trabalhos de Schmidt e Bohnenberger (2009), Ferreira et al. (2003) e Hecke (2011).

Schmidt e Bohnenberger (2009) criaram um instrumento para medir o **perfil empreendedor** por meio de 22 itens: (1) detectar oportunidades promissoras de negócio, (2) possuir habilidade em detectar oportunidades de negócio, (3) ter controle sobre os fatores críticos para uma plena realização profissional, (4) considerar-se uma pessoa mais persistente que as demais, (5) encontrar soluções criativas para problemas profissionais, (6) ter um plano de vida profissional, (7) ser frequentemente escolhido como líder em projetos ou atividades profissionais, (8) demais pessoas pedem opinião sobre os assuntos de trabalho, (9) opinião respeitada pelos demais, (10) haver planejamento no trabalho, (11) estudar a respeito de cada situação profissional que envolva algum tipo de risco, (12) ter os assuntos referentes ao trabalho sempre bem planejados, (13) preferir um trabalho repleto de novidades a uma atividade rotineira, (14) gostar de mudar a forma de trabalho sempre que possível, (15)

relacionar-se facilmente com outras pessoas, (16) não gostar de ter sido pego de surpresa por fatos que poderia ter sido previsto, (17) acreditar em resultados de longo prazo analisando as vantagens de uma oportunidade de negócio, (18) influenciar a opinião de outras pessoas no ambiente de trabalho, (19) correr riscos em troca de possíveis benefícios, (20) influência dos contatos sociais sobre a vida profissional, (21) importância dos contatos sociais sobre a vida profissional, e (22) conhecer pessoas que podem auxiliar profissionalmente.

Os 22 itens propostos por Schmidt e Bohnenberger (2009) foram mensurados por uma escala Likert de 7 pontos e agrupados em cinco fatores; entretanto, neste trabalho não utilizou-se o agrupamento original pelo fato de almejar uma representação para todo o construto: perfil empreendedor. Ferreira et al. (2003) demonstraram um meio de medir a **capacidade empreendedora** por meio de 7 itens, com base no trabalho de Hermenegildo (2002): (1) conhecimento de si mesmo, (2) apreender com a própria experiência, (3) dedicação, motivação, (4) espírito para inovar, (5) análise de mercado, (6) Correr risco calculado e (7) planejamento empresarial.

Por fim, Hecke (2011) utilizou 6 itens para medir a **intenção empreendedora**: (1) estar pronto a fazer de tudo para ser um empresário, (2) ter como objetivo profissional tornar-se um empresário, (3) concentrar esforços para criar e manter a empresa, (4) estar decidido a criar uma empresa, (5) pensar seriamente em criar uma empresa no futuro, e (6) possuir firme intenção em criar uma empresa em pouco dias. Estes itens foram mensurados por uma escala Likert 5 pontos. Analisando os itens, percebeu-se que os três últimos (itens 4, 5 e 6) são parecidos, mudando praticamente o tempo verbal, mas mantendo o mesmo objetivo. Assim sendo, optando-se aqui, pela unificação deles. Portanto, neste trabalho, a **intenção empreendedora** foi mensurada por meio de 4 itens: (1) estar pronto a fazer de tudo para ser um empresário, (2) ter como objetivo profissional tornar-se um empresário, (3) concentrar esforços para criar e manter a empresa, (4) ter intenção de criar uma empresa no futuro.

Ao todo, utilizaram-se então 33 itens, sendo 22 para medir o perfil empreendedor, 7 para medir a capacidade empreendedora e 4 para medir a intenção empreendedora. Optou-se pela escala Likert de 5 pontos (1: discordo totalmente... 5: concordo totalmente) utilizada no trabalho de Hecke (2011) como escala padrão a todos os 33 itens, visando facilitar a análise e comparação dos resultados. Juntamente com os 33 itens de mensuração dos três construtos, foi inserida uma pergunta para saber se o aluno já teria feito disciplina de empreendedorismo. Foram convidados a responder o questionário alunos de uma universidade pública do Sul do Brasil, na qual possui cinco cursos de graduação: Agronegócios, Ciências da Natureza, Educação do Campo, Enologia e Zootecnia.

Antes de disponibilizar o questionário, realizou-se um pré-teste com dez alunos. Os questionários foram impressos e após visualização do mesmo, realizou-se a digitalização das questões no formato Google Forms. Não houve dúvidas em relação às questões, portanto, a versão inicial foi mantida e disponibilizada na plataforma mencionada. Todos os alunos da universidade (em um total de 890) foram convidados por e-mails a responder o instrumento. Os e-mails dos alunos foram enviados por uma lista de alunos, na qual contém o e-mail de todos os matriculados. Ao final, 109 alunos responderam à pesquisa, o que corresponde a uma taxa de retorno de 12,25%. Após o encerramento da pesquisa, os dados foram exportados para o SPSS versão 21, ao qual, utilizou-se análise de médias, Teste-T e Anova para análise dos resultados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção apresentam-se e discutem-se os resultados da pesquisa. A seção está organizada na demonstração dos resultados sobre o perfil da amostra, situação de ter cursado a disciplina de empreendedorismo ou não, na composição e estatística descritiva dos construtos, na capacidade empreendedora entre alunos que cursaram empreendedorismo, que possuem algum negócio, e nos distintos cursos de graduação.

Tabela 1 – Resultados sobre o perfil da amostra.

Curso que Realiza	Frequência	Percentual
Agronegócio	52	46,8
Zootecnia	19	17,1
Enologia	16	14,4
Ciências da Natureza	12	10,8
Educação do Campo	12	10,8
Gênero	Frequência	Percentual
Feminino	73	65,8
Masculino	38	34,2
Possui Atividade Remunerada	Frequência	Percentual
Sim	60	54,1
Não	51	45,9
Possui Algum Negócio	Frequência	Percentual
Não	85	76,6
Sim	26	23,4

Fonte: Dados da pesquisa

A Tabela 1 ilustra o perfil da amostra, identificando-a quanto ao curso, gênero, se possui atividade remunerada e se possui algum negócio. Inicialmente observa-se uma predominância de alunos que cursam Agronegócio, chegando a cerca de 50 % da amostra. Destaca-se que, esta observação está de acordo com a realidade da universidade, tendo em vista que é o curso no qual possui mais alunos. Constata-se ainda, uma amostra composta em sua maioria por mulheres (65,8%), sendo esta, uma realidade dos assentos universitários, composta em sua maioria pelo gênero feminino (INEP, 2016). Evidencia-se também, que pouco mais da metade dos alunos possui uma atividade remunerada (54,1%), sendo que uma minoria possui algum empreendimento (23,4%). Na Tabela 2 apresentam-se os resultados para o questionamento sobre o fato de os alunos já terem realizado a disciplina de Empreendedorismo.

Tabela 2 – Situação de ter cursado a disciplina de empreendedorismo ou não.

Ter Cursado a Disciplina de Empreendedorismo	Frequência	Percentual
Não	71	64,0
Sim	40	36,0

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme demonstrado na Tabela 2, a maioria dos alunos que participaram da pesquisa ainda não realizou a disciplina com a temática de empreendedorismo (64,0%). Na Tabela 3 observam-se os itens que compõem os construtos, demonstrando a média, desvio

padrão, assimetria e curtose.

Tabela 3 – Composição dos construtos: média, desvio-padrão, assimetria e curtose.

Itens	Média	Desvio Padrão	Assimetria		Curtose	
			Estatística	Erro Padrão	Estatística	Erro Padrão
PE1	3,297	1,180	-0,431	0,229	-0,629	0,455
PE2	3,468	1,052	-0,512	0,229	-0,311	0,455
PE3	3,694	0,970	-0,685	0,229	0,249	0,455
PE4	3,766	1,087	-0,644	0,229	-0,212	0,455
PE5	3,757	0,946	-0,870	0,229	0,996	0,455
PE6	3,910	1,058	-0,850	0,229	0,281	0,455
PE7	3,198	1,182	-0,427	0,229	-0,475	0,455
PE8	3,892	1,003	-0,990	0,229	0,874	0,455
PE9	3,910	1,014	-1,149	0,229	1,293	0,455
PE10	3,856	1,102	-0,952	0,229	0,451	0,455
PE11	3,811	1,132	-0,728	0,229	-0,045	0,455
PE12	3,793	1,054	-0,712	0,229	0,063	0,455
PE13	3,946	1,159	-1,000	0,229	0,118	0,455
PE14	3,730	1,175	-0,688	0,229	-0,373	0,455
PE15	4,135	1,099	-1,192	0,229	0,523	0,455
PE16	3,991	1,099	-1,235	0,229	1,216	0,455
PE17	3,378	1,362	-0,519	0,229	-0,929	0,455
PE18	3,586	1,048	-0,785	0,229	0,396	0,455
PE19	3,486	1,212	-0,669	0,229	-0,424	0,455
PE20	3,207	1,237	-0,345	0,229	-,0736	0,455
PE21	3,360	1,204	-0,380	0,229	-0,697	0,455
PE22	3,550	1,249	-0,514	0,229	-0,611	0,455
CE1	4,162	1,023	-1,371	0,229	1,640	0,455
CE1	4,162	1,023	-1,371	0,229	1,640	0,455
CE2	4,207	1,129	-1,538	0,229	1,636	0,455
CE3	4,306	0,882	-1,374	0,229	1,732	0,455
CE4	4,063	1,047	-1,193	0,229	1,036	0,455
CE5	3,865	1,004	-0,984	0,229	0,827	0,455
CE6	3,387	1,019	-0,108	0,229	-0,554	0,455
CE7	3,450	1,118	-0,450	0,229	-0,413	0,455
IE1	3,541	1,219	-0,494	0,229	-0,682	0,455
IE2	3,892	1,253	-0,950	0,229	-0,129	0,455
IE3	3,126	1,363	-0,145	0,229	-1,105	0,455
IE4	3,928	1,359	-1,038	0,229	-0,230	0,455

Fonte: Dados da pesquisa

Pode-se constatar pela Tabela 3 que, considerando a escala *Likert* de 5 pontos utilizada, as médias dos itens são razoáveis, sendo todas superiores a 3. Destaca-se o item CE3 (“posso motivação e dedicação”) é o que apresentou maior média (4,306), indicando que de forma geral, alunos sentem-se motivados e dedicados. Zampie e Takahashi (2011) destacam que a motivação faz parte da capacidade empreendedora, neste caso, podendo aperfeiçoar a capacidade empreendedora. Ao analisar a assimetria e curtose, observa-se que nenhum dos itens apresentou assimetria acima de 3 e curtose acima de 10, conforme recomendação de Kline (2005), indicando a normalidade dos dados, um pressuposto para utilização de técnicas paramétricas (HAIR Jr. et al., 2005). Na Tabela 4 podem-se observar as médias e os desvios padrões dos três construtos da pesquisa.

Tabela 4 - Média e Desvio Padrão dos Construtos

Construto	Média	Desvio padrão
Perfil Empreendedor (PE)	3,794	0,821
Capacidade Empreendedora (CE)	4,000	0,934
Intenção Empreendedora (IE)	3,698	1,200

Fonte: Dados da pesquisa

Destaca-se na Tabela 4, a partir dos resultados do construto Capacidade Empreendedora (CE), que os alunos pesquisados possuem uma razoável capacidade empreendedora, já que o resultado da média ficou em 4, considerando uma escala de 1 a 5. Almeida (2003) destaca que a capacidade empreendedora é importante, e quando ela existe, faz com que as pessoas tendam a enxergar melhor às oportunidades de mercado. Não obstante, as médias de Perfil Empreendedor (PE) e Intenção Empreendedora (IE), embora menores, foram próximas à 4, indicando que os alunos possuem razoável perfil e intenção de empreender.

Como destacado, é preterido que alunos possuem perfil, capacidade e intenção empreendedora e uma das formas que as universidades buscam fazer com que isto ocorra de uma maneira mais acintosa é oferecer disciplinas de empreendedorismo. Assim sendo, buscando verificar se o fato de ter cursado a disciplina de empreendedorismo afeta o perfil empreendedor, a capacidade empreendedora e a intenção empreendedora, realizou-se um Teste-T de amostras independentes para verificar a diferenças de médias entre os construtos de quem fez e de quem não fez a disciplina (Tabela 5).

Tabela 5 - Capacidade empreendedora entre alunos que cursaram empreendedorismo

Construto	Realização da disciplina	Média	Desvio padrão	Teste t	Significância
Perfil Empreendedor (PE)	Sim	3,825	0,930	0,631	0,530
	Não	3,774	0,759		
Capacidade Empreendedora (CE)	Sim	4,075	0,944	0,293	0,771
	Não	3,955	0,933		
Intenção Empreendedora (IE)	Sim	3,900	1,172	1,345	0,182
	Não	3,584	1,210		

Fonte: Dados da pesquisa

A Tabela 5 apresenta a média de cada construto separadamente para quem realizou ou não a disciplina de empreendedorismo, juntamente com o resultado do Teste-t de amostras independentes. Apesar de, em todos os construtos, quem cursou a disciplina de empreendedorismo apresentar uma média superior a quem não cursou, esta diferença não é significativa (significância > 0,050). Isto quer dizer que, de forma geral, não se pode afirmar que alunos que cursaram a disciplina de empreendedorismo possuem mais capacidade empreendedora do que quem não cursou.

Portanto, **a H3 não pode ser aceita**, contrariando os estudos de Rocha e Freitas (2014), o qual destacou que atividades empreendedoras aumentam o perfil empreendedor. Neste estudo, a disciplina com a temática empreendedora parece não ter surtido este efeito. De igual forma, **a H6 não pode ser aceita** também. Embora não fossem entrados trabalhos que confrontassem especificamente a capacidade empreendedora de alunos com a realização de

atividades empreendedoras, Almeida (2003) argumentou que a capacidade empreendedora deriva do meio social, acreditando-se que este meio social observado pela disciplina, pudesse elevar a capacidade empreendedora, fato este que não se confirmou neste trabalho.

Por fim, a **H9 também não pode ser aceita**, contrariando as evidências de Carvalho e González (2006), Rocha, Silva e Simões (2012), Osório e Roldan (2015), os quais apontaram que as atividades empreendedoras oferecidas pela universidade afetam intenção empreendedora. Neste caso, não se pode afirmar que alunos nos quais fizeram a disciplina de empreendedorismo possuem maior intenção empreendedora. A Tabela 6 analisa a diferença de níveis de perfil empreendedor, capacidade empreendedora e intenção de empreendedorismo considerando a questão de possuir ou não um negócio.

Tabela 6 - Capacidade empreendedora entre alunos que possuem algum negócio

Construto	Possuir Algum Negócio	Média	Desvio padrão	Teste t	Significância
Perfil Empreendedor (PE)	Sim	3,961	0,999	0,936	0,355
	Não	3,741	0,758		
Capacidade Empreendedora (CE)	Sim	4,153	0,967	1,037	0,307
	Não	3,952	0,924		
Intenção Empreendedora (IE)	Sim	4,153	1,339	2,053	0,047*
	Não	3,559	1,127		

* Significante ao nível de 0,050

Fonte: dados da pesquisa

O mesmo teste realizado na Tabela 5 foi executado aos alunos que possuem algum negócio (Tabela 6). Em relação ao perfil empreendedor, embora o perfil empreendedor seja mais intenso para quem possui negócio, esta diferença não é significativa (significância > 0,050), o que **refuta a H1**. Embora Sieger et al. (2016) tenham realizado um estudo com fundadores de empresas em 34 países e descoberto que em tese eles possuam perfil empreendedor, neste estudo, não se pode afirmar que pessoas que tenham um negócio tenham um perfil empreendedor diferente, ou até mesmo, mais intenso de quem não tem.

De igual forma, não houve diferença estatística de capacidade empreendedora entre quem possui e não possui um negócio, **não havendo possibilidade de confirmar a H4**, não sendo possível apoiar os achados de Ferreira et al. (2003) e Cunha Jr. (2009); os quais relataram que empresários possuem capacidade empreendedora.

Por outro lado, constatou-se que pessoas que possuem negócio têm uma intenção empreendedora maior das que não possui, **apoiando a H7**, o que corrobora com os estudos de Rocha e Freitas (2014), nos quais indicam que empreendedores seguem seus ideais. Neste caso, percebe-se que mesmo as pessoas já têm o seu negócio, buscam empreender e expandir, o que é benéfico para a economia e para a sociedade. Por fim, constatou-se a diferença de perfil empreendedor, capacidade empreendedora e intenção de empreendedorismo entre os distintos cursos pesquisados (Tabela 7).

Tabela 7 - Capacidade empreendedora entre alunos de distintos cursos

Construto	Curso que realiza	Média	Desvio padrão	Z	Significância
Perfil Empreendedor (PE)	Agronegócio	3,865	0,742	0,472	0,756
	Ciências da Natureza	3,833	0,577		
	Enologia	3,625	1,204		
	Educação do Campo	3,833	0,937		
	Zootecnia	3,684	0,749		
Capacidade Empreendedora (CE)	Agronegócio	4,115	0,832	0,357	0,838
	Ciências da Natureza	4,000	1,044		
	Enologia	3,937	1,388		
	Educação do Campo	3,917	1,083		
	Zootecnia	3,789	0,535		
Intenção Empreendedora (IE)	Agronegócio	3,990	1,117	2,073	0,089
	Ciências da Natureza	3,000	1,261		
	Enologia	3,468	1,056		
	Educação do Campo	3,541	1,372		
	Zootecnia	3,631	1,256		

Fonte: Dados da pesquisa

A Tabela 7 demonstra a diferença de médias por meio do teste de Anova oneway entre os diferentes cursos em relação aos construtos pesquisados. Constatou-se que não embora os alunos de Agronegócios tenham um perfil empreendedor, uma capacidade empreendedora e uma intenção empreendedora mais intensa que os demais cursos, esta diferença não é significativa (significância > 0,050), **não apoiando as hipóteses 2, 5 e 8.**

Apesar de não haver a confirmação dos achados de Almeida (2003), Hecke (2011) Sieger et al. (2016), os resultados apóiam o que disse Barba-Sánchez e Atienza-Sahuquillo (2017), ao afirmarem que a intenção empreendedora faz parte de alunos de qualquer curso; neste caso, de igual forma, o perfil e a capacidade empreendedora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi analisar se alunos que fizeram a disciplina de empreendedorismo possuem mais intenso perfil empreendedor, capacidade empreendedora e intenção empreendedora em relação aos que não fizeram tal disciplina. Os resultados demonstram que o perfil empreendedor, a capacidade empreendedora e a intenção de empreender tentem não diferirem, tanto para alunos que realizaram a disciplina, como para os que não realizaram a disciplina de empreendedorismo.

Este resultado aponta para duas evidências, as quais se sugerem serem investigadas em futuras pesquisas. Primeiramente, a disciplina de empreendedorismo, de repente, não contribua de forma expressiva para provocar um aumento nos construtos de empreendedorismo pesquisados, ou a disciplina de empreendedorismo dos cursos da universidade estudada não foi eficaz para provocar uma intensificação de perfil empreendedor, capacidade empreendedora e intenção de empreendedorismo, o que remete a um olhar pedagógico relevante para este contexto.

Diante dos resultados encontrados, este estudo tem como contribuição prática a indicação de uma revisão no planejamento didático e pedagógico da disciplina com a temática

de empreendedorismo na referida universidade. Assim como, sugere-se maior reflexão quando da elaboração e aplicação das aulas e atividades didáticas relacionadas ao empreendedorismo de forma geral no contexto universitário.

Embora a teoria aponte que práticas de empreendedorismo devam ser oferecidas aos acadêmicos (DOLABELA, 1999; FERREIRA et al., 2003; JONES; ENGLISH, 2004; HECKE, 2011; MIRANDA; BARBA-SÁNCHEZ; ATIENZA-SAHUQUILLO, 2017; CHAMORRO-MERA; RUBIO, 2017; ESFANDIAR et al., 2017), inclusive como disciplina de graduação (DOLABELA, 1999; JONES; ENGLISH, 2004; HECKE, 2011), é importante discutir a qualidade do oferecimento destas práticas, já que incidem diretamente na motivação e aprendizado.

Como objetivo secundário, buscou-se verificar se o perfil empreendedor, a capacidade empreendedora e a intenção de empreendedorismo é mais intensa para quem já possui um negócio e para quem cursa o curso de graduação em Agronegócios. Os resultados indicam que as pessoas as quais possuem um negócio, têm uma intenção empreendedora mais elevada dos que não possuem negócio algum, apoiando as crenças de Rocha e Freitas (2014), nos quais indicam que empreendedores seguem seus ideais. Neste caso, duas coisas podem acontecer, ou de fato empreendedores empreenderam porque tinham uma intenção empreendedora mais elevada, ou, a intenção empreendedora se intensificou na medida em que a pessoa abriu o seu negócio, o que seria um resultado bom, já que Ahmad e Hoffman (2008) esclarecem que empresas devem empreender a todo instante para propiciar benefícios sociais.

Por fim, constatou-se que o tipo de curso não se relaciona com o perfil empreendedor, a capacidade empreendedora e a intenção de empreendedorismo, sendo que isto é preterido pelas universidades e apoiado por Barba-Sánchez e Atienza-Sahuquillo (2017), os quais destacam que a universidade deve desenvolver e estimular o empreendedorismo para todos independente da área de atuação.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, R. S. de. O empreendedorismo em universidades. *ComCiência*, n. 150, p. 0-0, 2013.

AHMAD, N.; HOFFMAN, A. A framework for addressing and measuring entrepreneurship. Paris: Organisation for Economic Cooperation and Development - *OECD*, 2008. 36 p. (OECD statistiscs working papers, 2008/2). Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1090374>. Acesso em: 09/05/2017.

ALMEIDA, P. JM. Da capacidade empreendedora aos activos intangíveis no processo de criação de empresas do conhecimento. Universidade Técnica de Lisboa, IST. *Dissertação de Mestrado em Engenharia e Gestão de Tecnologia*. [<http://purl.pt/6547>. Consult. 29 Mai.2007], 2003.

BARBA-SÁNCHEZ, V.; ATIENZA-SAHUQUILLO, C. Entrepreneurial intention among engineering students: The role of entrepreneurship education. *European Research on Management and Business Economics*, 2017.

CARVALHO, P. M. R. de; GONZÁLEZ, L. Modelo explicativo sobre a intenção empreendedora. *Comportamento Organizacional e Gestão*, v. 12, n. 1, p. 43-65, 2006.

CUNHA Jr., A. M. Mortalidade e sobrevivência das micro e pequenas empresas no estado da Paraíba. *Dissertação do Curso de Mestrado em Economia da Universidade Federal da Paraíba*. João Pessoa, 2009.

DOLABELA, F. *Oficina do Empreendedor*. 1. ed. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

_____. *O segredo de Luísa: uma idéia, uma paixão e um plano de negócios: como nasce o empreendedor e se cria uma empresa*. São Paulo: Cultura, 2004.

ESFANDIAR, K. et al. Understanding entrepreneurial intentions: A developed integrated structural model approach. *Journal of Business Research*, 2017.

FERREIRA, J. A. et al. Formação de empreendedores: proposta de abordagem metodológica tridimensional para a identificação do perfil do empreendedor. *Dissertação de Mestrado*, Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, 2003.

GONÇALVES, E.; CÓSER, I. O Programa de Incentivo à Inovação como mecanismo de fomento ao empreendedorismo acadêmico: a experiência da UFJF. *Nova Economia*, v. 24, n. 3, p. 555-585, 2014.

HAIR, J. F.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L.; BLACK, W. C. *Análise Multivariada de Dados*. 5ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HECKE, A. P. A intenção empreendedora dos alunos concluintes dos cursos de graduação em administração em ciências contábeis das instituições de ensino superior de Curitiba-PR. *Dissertação de Mestrado*, Universidade Federal de São Paulo (USP), FEA - Programa de Pós-graduação em Contabilidade, 2011.

JONES, C.; ENGLISH, J. A contemporary approach to entrepreneurship education. *Education+ training*, v. 46, n. 8/9, p. 416-423, 2004.

KALAR, B.; ANTONCIC, B. The entrepreneurial university, academic activities and technology and knowledge transfer in four European countries. *Technovation*, v. 36, p. 1-11, 2015.

KLIN, R. B. *Principles and Practice of Structural Equation Modeling*. 3ª ed. New York: The Guilford Press, 2011.

KURATKO, D. F. The emergence of entrepreneurship education: Development, trends, and challenges. *Entrepreneurship Theory and Practice*, v. 29, n. 5, p. 577-598, 2005.

KURATKO, D. F.; IRELAND, R. Duane; HORNSBY, Jeffrey S. Improving firm performance through entrepreneurial actions: Acordia's corporate entrepreneurship strategy. *The Academy of Management Executive*, v. 15, n. 4, p. 60-71, 2001.

LOPES, R. M. A. *Educação Empreendedora: conceitos, modelos e práticas*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Sinopse Estatística da Educação Superior 2015. Brasília: Inep, 2016. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>> Acesso em: 16 jan. 2018.

MARESCH, D. et al. The impact of entrepreneurship education on the entrepreneurial intention of students in science and engineering versus business studies university programs. *Technological Forecasting and Social Change*, v. 104, p. 172-179, 2016.

MARTENS, C. D. P.; FREITAS, H. Influência do ensino de empreendedorismo nas intenções de direcionamento profissional dos estudantes. *Estudo e Debate*, v. 15, n. 2, p. 71-95, 2008.

MIRANDA, F. J.; CHAMORRO-MERA, A.; RUBIO, S. Academic entrepreneurship in Spanish universities: An analysis of the determinants of entrepreneurial intention. *European Research on Management and Business Economics*, v. 23, n. 2, p. 113-122, 2017.

OSORIO, F. F.; ROLDÁN, J. C. L. Intención emprendedora de estudiantes de educación media: extendiendo la teoría de comportamiento planificado mediante el efecto exposición. *Cuadernos de Administración*, v. 28, n. 51, 2015.

ROCHA, A.; SILVA, M. J.; SIMÕES, J. Intenções empreendedoras dos estudantes do ensino secundário: o caso do programa de empreendedorismo na escola. *Economia Global e Gestão*, v. 17, n. ESPECIAL, p. 77-97, 2012.

ROCHA, E. L. C.; FERREIRA, A. A. F. Avaliação do ensino de empreendedorismo entre estudantes universitários por meio do perfil empreendedor. *Revista de Administração Contemporânea (RAC)*, v. 18, n. 4, 2014.

SCARBOROUGH, N. M., Z., T. W. *Effective Small Business Management*. 4.^a ed. New York, NY: Macmillan Publishing Company, 1993.

SCHMIDT, S.; BOHNENBERGER, M. C. Perfil Empreendedor e Desempenho Organizacional. *Revista de Administração Contemporânea (RAC)*, v. 13, n. 3, p. 450-467, 2009.

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. *Educação Empreendedora*. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebraeaz/a-proposta-de-educacao-empresadora-do-sebrae,b741be061f736410VgnVCM2000003c74010aRCRD>>. Acesso em: 16/03/2018.

SIEGER, P. et al. Measuring the social identity of entrepreneurs: Scale development and international validation. *Journal of Business Venturing*, v. 31, n. 5, p. 542-572, 2016.

ZAMPIER, M. A.; TAKAHASHI, A. R. W. Competências empreendedoras e processos de aprendizagem empreendedora: modelo conceitual de pesquisa. *Cadernos Ebape. BR*, v. 9, 2011.